



Breviário

Carlos Felipe Moisés*

1.

Outrora a noite bem alto voava e erguia
sobre o mundo a imponência alada
de sua majestosa sinfonia.

Hoje

arrasta à roda dos meus sapatos esse
par de asas murchas (esperança nenhuma)
a bicar a cinza melodiosa dos dias.

Às vezes hesita, espaneja o pé
da memória arquejante & sopra
o que lhe resta do orgulho inútil :

frágil gorjeio.

Às vezes ergue as asas tintas de orvalho
e vem pousar na palma de minha mão,
onde guardo as ruínas da catedral, o breviário
do mar em chamas & um peixe de prata
que ainda aspira (ofegante) o seu naco de luar.

2.

Ah, pássaro pequeno!

O que queres, eu sei, é quase
nada : meio grão, um resto de brisa.
Mas nem isso tenho.

* Carlos Felipe Moisés (n. 1942, Brasil) é, actualmente, professor titular da Universidade São Marcos, mas leccionou Literatura em várias universidades brasileiras e no exterior. É crítico literário, ensaísta e romancista. Publicou, entre outras obras, os seguintes livros de poesia: *Carta de marear* (1966); *Círculo imperfeito* (1978); *Subsolo* (1989); *Lição de Casa & poemas anteriores* (1998). Autor de variados artigos científicos e livros sobre literatura brasileira, organizou antologias poéticas e traduziu poesia e ensaio. Ganhou o Prémio de poesia da Associação Paulista dos Críticos de Arte, Associação Paulista dos Críticos de Arte (1989) e o Prémio de poesia da Associação Paulista dos Críticos de Arte (1974).



Tenho só
esta catedral em ruínas
onde podes erguer
ou cavar teu ninho. Esquece
o breviário : o aguaceiro em chamas
entre as páginas que rangem
seria fatal. E podes escolher
o naco de lua que te agrada
(o peixe de prata mal respira) :
fica por lá
a eternidade que quiseres.

Se for do teu agrado, vem
para este peito onde se espalha
o mapa inteiro da Morávia (é só
um bater de asas : eu te ajudo).
É todo teu

esse país.

Escolhe (são tantas!) a cidade
vazia onde fundar o teu império
mas cuidado com as geleiras do norte
onde ainda ronda

o abutre que arrasta
o sol de Saturno.

Se sobreviveres ao degelo
não sobreviverás
à luz glacial.

3.

Aos pequenos saltos,
como a vencer precipícios,
um pássaro cego percorre
entre vales e montanhas
a palma de minha mão
e bica mais forte e se perde
entre os dedos enregelados
& abre um riacho de sonho



e pétalas
que o leva para muito alto
: sino de campanário
a palpitar
quase extinto
no coração da noite nula.